UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021

TÍTULO DO RESUMO: A CONTRIBUIÇÃON DE LAURA RIBEIRO LOPES PARA A GEOGRAFIA FEIRENSE

Francine Cerqueira dos Santos[1]
Marcelo Faria[2]

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA; FEIRA DE SANTANA; PAISAGEM, LUGAR, IMAGEM.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou compreender as contribuições da professora Laura Ribeiro Lopes para a geografia escolar feirense no final da década de 50, início dos anos 60, com a publicação de seu livro destinado ao ensino de geografia de Feira de Santana na educação básica. A ideia foi compreender o esforço de inovação empreendido pela autora à época e analisar suas implicações e limites à luz do debate contemporâneo sobre educação geográfica e ensino de geografia, sobretudo através do uso de imagens, focado principalmente nos conceitos de paisagem e lugar.

No final propomos, à luz desses debates, a importância de se investir em pesquisas e produção de materiais sobre Feira de Santana na educação básica, sendo o professor um autor privilegiado para tal empreendimento, considerando a escola como espaço de formação intelectual e profissional.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

No sentido de produzir uma investigação acerca de uma "educação geográfica situada" na cidade de Feira de Santana, tomamos como referência a obra de Laura Ribeiro Lopes, escrita na passagem da década de 50-60, que apresenta uma tentativa de inovação da geografia escolar situada na cidade de Feira de Santana, com o uso de imagens e até

[1] Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: francinecerqueiradossantos@gmail.com
[2] Orientador, Departamento de Educação. Marcelo Faria, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail marcelo.faria65@gmail.com

visitas à espaços representativos da paisagem histórica da cidade de Feira de Santana. Fizemos uma análise das perspectivas da professora a partir dos textos, imagens e atividades do livro, reconhecendo que, à época, foi uma tentativa importante de ressignificação, mas que avançou pouco no que hoje chamamos de educação geográfica.

Passamos então ao estudo do debate sobre a importância das imagens na educação geográfica escolar contemporânea que nos serviu para a crítica dos limites da proposta da professora Laura e a importância de investir em uma educação escolar situada. Após as leituras e discussões dos materiais disponíveis, iniciamos um processo de investigação de uma geografia escolar renovada a partir do referencial teórico metodológico da Cartografia.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados) CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

O trabalho foi importante para o reconhecimento da existência de uma geografia escolar que não deve ser compreendida como uma extensão da geografia acadêmica (nem sua redução), mas possuindo uma história e uma tradição próprias (Faria, 2012). Neste debate, buscam-se novas formas de mediar a educação geográfica, através do método de transposição didática e do fomento a autonomia dos educandos em formas de perceber e apreender o mundo a partir dos conceitos geográficos. Apesar das críticas existentes sobre a transposição didática, é importante ressaltar a importância de se pensar articulações entre a produção de uma geografia escolar e sua ciência de referência, o que implica criar articulações, nem sempre diretas, entre esses campos.

Os conceitos com os quais a geografia escolar constrói sua tradição mantêm fortes relações com a tradição acadêmica. Nessa pesquisa, deu-se ênfase aos conceitos de paisagem e lugar, principalmente vinculados aos termos da Nova Geografia Cultural, e a busca de construir uma geografia escolar que produza uma mente geográfica (Massey 2017).

Jean Marc Besse (1998), sugere que, para interpretar a paisagem, é importante que se aprenda (e, portanto, que se ensine) a ler os elementos constantes na paisagem e sua interpretação. Não basta acessar os objetos materializados, mas compreendê-los como parte do conteúdo social em relação aos demais processos de realização do social. A validade deste debate reside mais no desenvolvimento da capacidade de, por exemplo, “ler a paisagem” que estudar aspectos aleatórios do mundo, como procedia a geografia

escolar clássica. Ao analisar a obra de Laura Riberio Lopes de 1959, a autora partiu de um olhar para paisagem, entretanto sem analisar os elementos.

Neste sentido, deve se considerar que Lopes estava inserida em uma cultura na qual as validades dos escritos geográficos estavam voltadas para o método de observar e descrever a paisagem. Porém deve-se considerar o avanço da obra da autora no seguinte sentido: ainda que ligada a certos cânones da geografia clássica, deve-se reconhecer a tentativa de formação dos alunos feirense, já no início dos anos 60, em uma outra perspectiva, ainda intuitiva, mas que apresentava novidades. A professora Laura Ribeiro Lopes, de certa forma, apresentava algumas questões que indicam a compreensão de uma "leitura do visível" como um caminho para o estudo da cidade de Feira de Santana, mesmo em um momento fortemente marcado por uma geografia escolar mnemônica. Propunha ela, em 1959, que os alunos fossem interrogados sobre a percepção que tinham da paisagem de Feira de Santana.

Ao analisar o livro: A geografia de Feira de Santana de 1959 produzido por Laura Ribeiro Lopes para o ensino primário, a autora trabalha aspectos ligados a economia, nomes de praças, ruas, indústria, zona rural e urbana, diferença entre construções públicas e privadas, e voltada principalmente para uma perspectiva descritiva da paisagem de Feira de Santana, sem discutir processos de produção do espaço. O conceito de lugar, neste sentido, está mais vinculado à situação, ou localização de uma parcela do espaço.

O conceito de lugar desenvolvido a partir de autores como Relph (1976) e Tuan (1983) propõem uma relação dos indivíduos e grupos com parcelas espaciais para as quais se produzem significações e criam sentidos de si mesmos e para o lugar.

Desde o tempo da professora Laura Lopes até hoje muito se avançou na discussão da geografia escolar, sua epistemologia, materiais e metodologias de ensino. Não objetivamos aqui criticar as proposições da professora em seu tempo, mas utilizar suas proposições para contrapor a necessidade de se pensar novas perspectivas para a geografia escolar contemporânea, sobretudo no que se refere ao uso das imagens que, na obra da professora Laura Ribeiro Lopes estão reduzidas à ilustração das ideias apresentadas no texto.

Se podemos reconhecer a importância das contribuições da Professora Laura no final da década de 50, é fundamental avançarmos para pensar a renovação do ensino de

geografia da cidade de Feira de Santana[3] a partir do uso de imagens, considerando a importância das mudanças que se processaram no espaço e nos sentidos da educação e da geografia na escola, do uso dos materiais e, claro, da importância das imagens.

A avaliação do livro da professora Laura permitiu observar procedimentos utilizados para o ensino de geografia da cidade de Feira de Santana em tempos passados, reconhecer a importância das proposições da autora, mas também seus limites. A partir dessa obra, pudemos levantar uma série de questões acerca da paisagem e do uso das imagens para o ensino de Geografia que pretendemos continuar explorando na sequência deste projeto.

Mais que propor uma crítica ao livro e aos métodos produzidos pela obra de 1959, estamos propondo uma investigação das transformações em torno do uso das imagens no ensino de geografia da educação básica a partir de uma perspectiva de uma cartografia de experiências imagéticas.

Neste sentido, pensamos ser muito importante o investimento na formação dos professores – inicial e continuada – de tal forma que esses se vejam como produtores de conhecimento e potenciais autores de materiais didáticos que possam contribuir para a produção de sujeitos capazes de ler espacialmente os contextos nos quais estão inseridos, possuidores de uma mente geográfica.

REFERÊNCIAS:

.

- AZEVEDO, Lívia. D. Feira de Santana: Entre Culturas paisagens, imagens e memórias, visuais urbanas. Feira de Santana. P 180, 2009 http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/1151
- BERQUE, Augustin. El pensamento paisajeiro. Ed Biblioteca nueva. Madrid, 2009.
- _____ - Paisagem-marca Paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. P. 84-91. In Correa, R.L. Rosendhal, Z (Org) Paisagem, Tempo e cultura. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1998
- BESSE, Jean-Marc. O gosto do mundo: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro (RJ): UERJ, 2014
- BONDÍA, J. B. Revista brasileira de educação. 2002, N°19, p. 20-28.

[3] O período atual da contemporaneidade implica inclusive pensar a cidade de Feira de Santana como uma parcela do espaço para a qual convergem trajetórias de diferentes escalas (MASSEY, 2005). Essa questão, talvez secundária na década de 50, é central no período atual, com imagens e símbolos globais e locais se combinando de forma caótica no espaço urbano.

- CALLAI, Helena C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. In Cadernos Cedes N. 66. São Paulo: Cortez, Campinas: Cedes, 2005, p. 227-248
- CAMPOS, J.O.; MORAIS, N. R. A imagem como recurso didático para o ensino de Geografia na educação básica. Revista Ensino de Geografia (Recife) V. 2, N°. 3, 2019. Recife. 62 p
- CARVALHO, Anelise. M. Muller de (1994). Reafirmação e delimitação do papel feminino nos livros didáticos dos anos 30/40. São Paulo, *Revista Projeto*
- CHERVEL, Alain. (1990). História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo
- CORRÊA, Roberto L. O espaço urbano. São Paulo, 2004, p.1-23
- COSGROVE, Denis – Mundo de Significados: geografia cultural e imaginação. In ROSENDHAL & CORRÊA – Geografia Cultural: uma antologia. Rio de Janeiro. Ed UERJ,2012.
- CRUZ, António Roberto Seixas da. Mestres e mestras para o Sertão: criação e funcionamento da Escola Normal de Feira de Santana. FSA: Sitientibus. n. 31jul/ dez2004.Pp143-16
- DASSIE, B. A. Analisar livros didáticos: trajetos e caminhos percorridos. HISTEMAT – Revista de História da Educação Matemática. HISTEMAT – ANO 4, N. 1, 2018, 74
- FARIA, Marcelo Oliveira de – Em busca de uma epistemologia da geografia escolar: a transposição didática. Tese de Doutorado defendida na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, 2012
- MASSEY, Doreen. A Mente Geografia. GEOgraphia Niterói, Universidade Federal Fluminense. ISSN 15177793 (eletrônico). Vol.19, N°40, 2017: mai /agos.
- RELPH, Edward As bases fenomenológicas da Geografia. Geografia, Rio Claro, v.7, p. 1-26, 1979.
- _____ Place and Placeness. London: Pion, 1976.
- _____ Reflexões sobre emergência, aspectos e essência do lugar. In MARANDOLA, Eduardo. Qual o espaço do Lugar. São Paulo. Ed Perspectiva, 2012.
- TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: A perspectiva da Experiência; São Paulo: Difel, 1983.